Ensino de Artes Visuais à Distância

Bárbara Angelo Moura Vieira

Resumo:

Através de uma pesquisa, realizada em meio ao corpo docente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, as possibilidades do ensino à distância de disciplinas em arte e de formação artística se mostraram problemáticas devido às especificidades desse campo de conhecimento.

Palavras-chave: educação à distância – artes visuais

1. Introdução

A educação à distância é uma prática muito mais antiga do que se poderia pensar, à primeira vista, quando a relacionamos com o desenvolvimento e a proliferação da *Internet*. Esse tipo de contato entre professor e aluno já existia, de forma empírica, no século XVIII, quando era feito através de correspondências (FREITAS, 2005).

O que conhecemos hoje em dia é na verdade a terceira fase do ensino à distância, aquela que se utiliza da *Internet* para aproximar pessoas que estão fisicamente distantes (*ibidem*). As opiniões em relação à validade e à eficiência dessa forma de educação são muitas, e a metodologia pedagógica em torno dela precisa, a meu ver, ser revista.

Como estudante universitária de Artes Visuais colocada frente a esse problema, achei natural que a minha primeira pergunta fosse em relação à possibilidade de se ensinar artes à distância. E resolvi permanecer com essa primeira pergunta. Para respondê-la, fiz uma pesquisa superficial (devido a um curto cronograma) com o intuito de, por assim dizer, “conhecer o território”. Em outras palavras, conversei com professores da área de artes visuais da Universidade Federal de Minas Gerais, em uma entrevista fechada, e reuni suas opiniões e experiências sobre o assunto para então analisa-las.

2. Desenvolvimento

2.1. Quanto à entrevista

O método de pesquisa adotado foi o de entrevistas fechadas que foram realizadas com o auxílio de um gravador e levaram de 8 a 30 minutos. A entrevista se constituiu de três perguntas, indicadas a seguir, sobre as quais os entrevistados puderam discorrer quanto acharam necessário:

1. Qual a sua opinião sobre educação à distância, como professor?
2. O que você pensa sobre o ensino de artes visuais à distância?
3. Quais são, a seu ver, as especificidades do ensino de arte; da educação à distância; e a relação entre elas?

2.2. Quanto aos entrevistados

No total foram cinco pessoas, entrevistadas separadamente, todas sendo professores atuantes na área de artes, e com a seguinte formação:

- Entrevistado 1: Bacharelado e Mestrado em Desenho; Doutorado em Ensino da Arte
- Entrevistado 2: Bacharelado em Artes Plásticas/Gravura
- Entrevistado 3: Mestrado em Artes e Tecnologia da Imagem, com experiência em educação à distância
- Entrevistado 4: Bacharelado em Comunicação Visual
- Entrevistado 5: Bacharelado em Cinema de Animação e Pintura; Mestrado em Artes Visuais/Cinema, com experiência em ensino de artes à distância

2.3. Quanto aos resultados

Os entrevistados foram praticamente unânimes em considerar a educação à distância (EAD) um método pedagógico indesejável. Cito, abaixo, o entrevistado 5, que possui experiência pessoal com a EAD:

Eu acho que a educação à distância é um projeto ambicioso demais para a nossa realidade. Para dizer de outra forma, eu acho que é um modelo até mesmo inviável, que muitas vezes não funciona, porque a gente ainda tem uma cultura muito conservadora, a gente tem uma postura muito conservadora. [Além disso] Depende muito da questão do professor. O ensino à distância pode funcionar em sociedades muito avançadas, estando implicadas outras coisas como, não apenas educação, mas auto-estima, conhecimento, cultura, alimentação, esporte, tudo na formação da pessoa tem que levar ela a um nível x , um padrão tal no qual eu acho que aí sim a educação pessoal começa a funcionar. Porque eu acho que a educação presencial ainda

prescreve uma série de coisas, como o professor presente para ajudar o aluno, para explicar, para ter um planejamento, para fazer esse planejamento funcionar e essas não são coisas simples. E eu acho que o ensino à distância em momento algum te dá esses mecanismos para você suprir essas necessidades para que o aluno consiga pensar por si mesmo, consiga moldar a sua própria cultura e a sua própria formação. Portanto, eu acho que são poucas as pessoas que são capazes, no sentido de estarem prontas, de se auto-gerir, se auto-ensinar, de estudar sem ter um local fixo.

O entrevistado 2 expressou seu “posicionamento crítico em cima dos impactos que essa tecnologia da informação vem gerando sobre a sociedade e sobre esses campos de produção do conhecimento”, demonstrando acreditar que efeitos do mau uso da tecnologia iriam além da área da educação, se refletindo sobre a sociedade.

Já o entrevistado 3, que também possui experiência em EAD, se posicionou de forma positiva, tendo sido o único: “A minha experiência foi muito positiva porque ela abre possibilidades para um maior número de pessoas ter acesso ao conhecimento de arte, do seu ensino, e todas as variantes que convêm a um bom ensino de arte.”

O entrevistado 4 afirmou ter dúvidas quanto à eficiência da EAD por não possuir experiência na área, mas manteve uma opinião negativa:

Tenho dúvidas até que ponto seria melhor ou pior que o sistema tradicional presencial. A gente fica sem a melhor parte, que é o contato com os alunos, e ainda fica com uma certa sobrecarga de trabalho por ter que atender individualmente escrevendo.

Quando questionados sobre a possibilidade do ensino de artes visuais à distância e as características específicas desse contexto, todas as opiniões se tornaram mais negativas, demonstrando o fato de que há especificidades no ensino da arte, em comparação com outras disciplinas como um todo, quando analisado através da ótica da EAD.

O entrevistado 2 identificou um verdadeiro perigo no âmbito do ensino de arte à distância, que seria o perigo do corpo ser anulado nas relações artista/obra de arte e apreciador/obra de arte:

No caso específico das artes plásticas, e também das artes visuais, eu acho que existe um processo de envolvimento com o corpo que é inalienável e insubstituível. Não só no que diz respeito a um aprendizado sobre a fruição, sobre a percepção, que está diretamente ligado a um refinamento da capacidade sensorial, portanto, corpórea; quanto, evidentemente, ao próprio processo do fazer, onde o corpo tem também uma função e um papel determinante. O ensino à distância, no meu ponto de vista, corre o risco de, sendo mal entendido e mal aplicado, simplesmente eliminar o corpo desse processo do fazer. E quando isso ocorre, eu acho muito perigoso. Porque uma prática que ancestralmente envolve o corpo, que diz respeito ao corpo, que fala de uma capacidade de refinamento do corpo, eliminar o corpo indica uma possibilidade grande da produção de muitos erros.

Também mencionou, de forma preocupada, uma característica da atualidade um tanto óbvia e observável que interfere muito no contexto da EAD como um todo:

Junte-se a isso o fetiche da tecnologia que vivemos hoje, como se tudo que venha dessa dimensão eletrônica fosse obrigatoriamente válido, fosse obrigatoriamente necessário e fosse obrigatoriamente útil ou aplicável. Existe aí um grande equívoco, uma hiper-valorização dessa dimensão tecnológica em detrimento de uma série de conhecimentos e de aprendizados e de uma memória que, no campo específico da arte, eu acho que precisariam ser preservadas. Isso gera um outro risco, mais de ordem das mentalidades política e simbólica, que é o de que essa hiper-valorização acabe servindo como argumento de convencimento para a aplicação e utilização dessa ferramenta eletrônica, muitas vezes da forma mais medíocre e mais irresponsável.

É um comentário de grande pertinência e que abre espaço para muitos outros questionamentos em relação não somente à validade da EAD, mas especialmente aos seus métodos de aplicação. Com relação à preocupação com a tecnologia, o entrevistado 5 colocou-se de forma semelhante:

Eu tenho esse receio, de que essa superficialidade que o ensino à distância traz para as coisas atinja a arte em cheio. Então você teria mais releituras, mais pessoas não apenas colocando um bigode na Mona Lisa, mas brincando e abusando de qualquer imagem, em um nível de criação que eu acho bastante limitado.

O entrevistado 1 argumentou quanto ao fato de que a arte e seu ensino não se mantêm sem a dimensão da prática:

Eu acho que o ensino de arte pede a presença do professor por implicar em uma prática que é muito específica, muito individualizada. Não se pode pensar no contexto de um grupo o tempo todo, é preciso pensar na individualidade do aluno, e para isso é preciso estar presente no momento da ação. A arte implica em uma ação também, em uma atitude que tem que ser vivida com o aluno. Acho complicado limitar os tópicos, os assuntos, os temas a se tratar, os temas específicos da arte, para se adaptar dentro de um contexto de educação à distância. Corre-se o risco de começar a voltar-se para uma abordagem da arte mais voltado para a leitura, a redação de textos, o que vai limitando a percepção do aluno. Seria uma situação de desvio começar a tratar a arte de uma forma mais teórica, deixando a questão da vivência da prática em segundo plano.

O entrevistado 5 expressou conhecimento dessas mesmas questões:

Arte é prática. Eu acho que é uma boa conjugação de prática com teoria. Ambas são importantes, mas você tem que ter a prática. E eu acho que o ensino à distância ainda não te dá esse mecanismo. A questão do texto já está mais bem resolvida: você fala, a pessoa escreve, texto é texto. E eu acho que se precisa muito da prática. Porque senão, como você iria ensinar um aluno?

O entrevistado 3, que havia se posicionado positivamente em relação à EAD, demonstrou sua descrença no caso do conteúdo ensinado ser a arte, argumentando, também, com base na necessidade da prática:

Esse é um ponto que julgo polêmico, porque como o ensino de artes visuais demanda uma prática, e nesse caso [da EAD] o ensino fica mais voltado para a parte teórica, a prática fica secundária. Eu imagino que para um bom professor de artes visuais ter a sua formação completa

ele tenha que ter passado por uma prática, então eu poderia retornar uma pergunta: ‘Como conciliar a prática e a teoria em um ensino de artes visuais à distância?’

É uma pergunta que de fato se desenha em nossas mentes quando investigamos o ensino da arte na situação de EAD, assim como, eu imagino, outras disciplinas que também precisem de uma parte prática.

3. Conclusão

Como foi demonstrado pelo coletivo das opiniões de docentes da área de artes, com e sem experiência em EAD, o ensino de artes visuais à distância não seria capaz de sustentar a qualidade e eficiência que o ensino presencial pode oferecer. Logo, não parece desejável que essa prática seja desenvolvida ou fomentada na educação universitária, assim como em qualquer outro nível de educação.

No entanto, como mencionado anteriormente, esta pesquisa foi superficial e não se propôs a investigar o tema com maior profundidade como seria necessária para, por exemplo, oferecer sugestões ou soluções que enriquecessem a EAD de arte.

Deixo minha sugestão para que pesquisas mais completas sejam realizadas, em especial, aquelas que respondam a questões que surgiram com essa pesquisa inicial. Por exemplo: a pergunta feita pelo entrevistado 3, “Como conciliar a prática e a teoria em um ensino de artes visuais à distância?” (citada nesta mesma página); as questões suscitadas pelo comentário do entrevistado 2 referidas na página 4, ou seja, ‘qual parte do problema da ineficiência surge da EAD e qual surge da forma como ela é utilizada?’; e uma que também me parece premente: ‘em situações de impossibilidade da educação presencial, vale a pena uma educação à distância?’

Também deixo meu posicionamento quanto à relação da arte com a tecnologia, como discutido pelos entrevistados 2 e 5 à página 4, com os quais concordo.

4. Bibliografia

FREITAS, Katia Siqueira de. **Um panorama geral sobre a história do ensino a distância**. 2005. Disponível em: < <http://www.proged.ufba.br/ead/EAD%2057-68.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2011.